1 – Leia o excerto de *Sempre Vivemos no Castelo* de Shirley Jackson:

1.

Chamo-me Mary Katherine Blackwood. Tenho dezoito anos e vivo com a minha irmã Constance. É frequente pensar que se tivesse tido um pouco de sorte poderia ter nascido lobisomem, porque o anular e o dedo médio das minhas mãos têm o mesmo comprimento, mas tive de me contentar com aquilo que tenho. Não gosto de me lavar, nem de cães ou barulho. Gosto da minha irmã Constance, de Ricardo Coração de Leão e do *Amanita phalloides*, o cogumelo da morte. Todas as outras pessoas da minha família estão mortas.

A última vez que olhei para os livros da biblioteca que se encontram na prateleira da cozinha já há cinco meses que tinham ultrapassado o prazo de devolução, e perguntei a mim própria se teria escolhido outros se soubesse que aqueles eram os últimos livros, aqueles que permaneceriam para sempre na nossa prateleira da cozinha. Raramente mudávamos as coisas; os Blackwood nunca foram uma família de grande impaciência e agitação. Ocupávamo-nos com os pequenos objectos efémeros de superfície, os livros e flores e colheres, mas sob tudo isso sempre tivemos uma fundação sólida de posses estáveis. Voltamos sempre a pôr as coisas no seu devido lugar. Limpávamos o pó e varríamos debaixo das mesas e cadeiras e camas e quadros e tapetes e candeeiros, mas deixávamo-los onde estavam; o conjunto de *toilette* de tartaruga colocado sobre o toucador da minha mãe nunca se moveu do seu lugar mais do que um centímetro.

Sempre viveram Blackwood na nossa casa, e mantiveram as suas coisas em ordem; sempre que uma nova mulher Blackwood se mudava, encontrava-se um lugar para os seus pertences, e assim a nossa casa foi erguida sobre camadas de bens Blackwood que a faziam pesar e a mantinham firme contra o mundo. Foi numa sexta-feira de Abril passado que trouxe os livros da biblioteca para a nossa casa. As terças e as sextas-feiras eram dias terríveis, porque eu tinha de ir à aldeia. Alguém tinha de ir à biblioteca e à mercearia; Constance nunca saía do nosso jardim, e o tio Julian não o podia fazer. Assim sendo, não era o orgulho que me levava à aldeia duas vezes por semana, nem sequer a teimosia, apenas a simples necessidade de livros e comida. Podia ser o orgulho que me levava a passar pela Stella para uma chávena de café antes de voltar a casa; dizia a mim mesma que era orgulho e que não evitaria passar pelo Stella's por mais que quisesse estar em casa, mas também sabia que Stella me veria a passar se eu não entrasse, e talvez pensasse que estava com medo, e isso era algo que eu não conseguia suportar.

— Bom dia, Mary Katherine — dizia sempre Stella, estendendo o braço para limpar o balcão com um pano húmido —, como estás hoje?

— Muito bem, obrigada.

— E a Constance Blackwood, está boa?

— Muito boa, obrigada.

— E como é que *ele* está?

— Tão bem quanto se pode esperar. Café preto, por favor.

Se alguém entrasse e se sentasse ao balcão, eu deixaria o meu café sem me mostrar apressada e sairia, acenando um adeus a Stella. «Fica bem», dizia-me ela automaticamente sempre que eu saía.

Escolhia os livros da biblioteca com cuidado. Claro que havia livros em nossa casa; o escritório do nosso pai tinha duas paredes cobertas de livros, mas eu gostava de contos de fadas e livros de História, e Constance gostava de livros acerca de comida.

Embora o tio Julian nunca pegasse num livro, gostava de ver Constance a ler aos serões enquanto ele trabalhava nos seus papéis, e por vezes virava a cabeça para olhar para ela e assentia.

— O que é que estás a ler, minha querida? Que bela visão, uma senhora com um livro.

— Estou a ler uma coisa chamada *A arte de cozinhar*, tio Julian.

— Admirável.

Claro que com o tio Julian na sala não ficávamos em silêncio durante muito tempo, mas não me lembro de nenhuma de nós ter aberto os livros que ainda se encontram na nossa prateleira da cozinha.

Estava uma bela manhã de Abril quando saí da biblioteca; o sol brilhava e viam-se por todo o lado as promessas falsas e gloriosas da Primavera, exibindo-se estranhamente por entre a fuligem da aldeia. Lembro-me de ter parado na escadaria da biblioteca a segurar os meus livros e de olhar por um instante para a ligeira insinuação de verde nos ramos que se destacavam contra o céu e de ter desejado, como sempre fazia, poder voltar a casa pelo céu em vez de atravessar a aldeia. Da escadaria da biblioteca, eu podia atravessar directamente a rua e caminhar pelo outro lado até à mercearia, mas isso significava que teria de passar pelo armazém e pelos homens sentados na entrada. Nesta aldeia, os homens permaneciam jovens e bisbilhotavam, e as mulheres envelheciam com um cansaço cinzento e maléfico e ficavam silenciosamente à espera de que os homens se levantassem e voltassem para casa. Eu podia sair da biblioteca e subir a rua deste lado até me encontrar em frente da mercearia e depois atravessar; isso era preferível, embora assim tivesse de passar pela estação dos correios e pela casa Rochester com as suas pilhas de latas enferrujadas e os carros desmantelados e as latas de

gasolina vazias e os velhos colchões e tubos de canalização e tinas de banho que a família Harler levava para casa e adorava — algo em que eu genuinamente acreditava.

2 - Responde às perguntas com frases completas, recorrendo a elementos do texto sempre que possível.

2.1. Quem é Mary Katherine Blackwood? Apresenta três informações sobre a sua personalidade ou as suas preferências.

2.2 Porque é que Mary Katherine tem de ir à aldeia duas vezes por semana? Explica por que motivo essas deslocações são desagradáveis para ela.

2.3 Que relação parece existir entre Mary Katherine e Constance? Justifica a tua resposta com duas referências ao texto.

2.4 Explica a importância da organização dos objectos na casa dos Blackwood. O que poderá simbolizar esta organização?

2.5 Porque é que Mary Katherine entra no café Stella's, apesar de preferir estar em casa?

2.6 Como é descrita a aldeia? Identifica dois pormenores que revelem a opinião negativa da narradora sobre os seus habitantes ou o ambiente local.

3 - Encontre no texto uma palavra ou expressão com um significado semelhante ao de cada uma das seguintes palavras ou expressões.

a) Agitação: _____

b) Bens ou objetos que alguém possui: _____

c) Conversavam sobre a vida alheia: _____

d) Desmontados ou em mau estado: _____

e) Sugestão ligeira ou pouco evidente: _____

4 - Complete as frases com as palavras do quadro. Cada palavra deve ser utilizada apenas uma vez.

teimosia / efémeros / bisbilhotavam / fundação / desmantelados

a) A casa tinha uma _____ sólida, construída ao longo de várias gerações.

b) Os objectos _____ desapareciam ou eram substituídos com o passar do tempo.

c) Apesar das críticas, ele continuou a defender a sua decisão por pura _____.

d) Os vizinhos _____ sobre os assuntos privados das outras pessoas.

e) Ao fundo da rua encontravam-se vários carros _____, abandonados há anos.

5 - Explique, por palavras suas, o significado das seguintes expressões no contexto do texto.

a) "Voltar a pôr as coisas no seu devido lugar."

b) "A nossa casa foi erguida sobre camadas de bens Blackwood."

c) "Poder voltar a casa pelo céu."

6 – Complete as frases com a forma correcta dos verbos entre parênteses.

a) Se Mary Katherine _____ (poder) escolher, nunca _____ (ter) de ir à aldeia.

b) Embora Constance _____ (preferir) ficar em casa, Mary Katherine _____ (ter) de fazer as compras.

c) Quando Mary Katherine _____ (chegar) à biblioteca, o sol ainda _____ (brilhar).

d) Se os Blackwood _____ (ser) menos apegados aos seus objetos, talvez _____ (mudar) a disposição dos móveis.

e) Mary Katherine receava que Stella _____ (pensar) que ela _____ (ter) medo dos habitantes da aldeia.

f) É possível que a narradora _____ (sentir) algum desconforto sempre que _____ (sair) de casa.

7 - Reescreva as frases em discurso indirecto, fazendo as alterações necessárias.

a) Stella perguntou: "Como estás hoje?"

b) Mary Katherine respondeu: "Muito bem, obrigada."

c) Stella perguntou: "E a Constance Blackwood, está boa?"

d) O tio Julian perguntou: "O que é que estás a ler, minha querida?"

e) Constance respondeu: "Estou a ler uma coisa chamada A arte de cozinhar, tio Julian."

8 - Une cada par de frases utilizando o pronome relativo indicado. Faça as alterações necessárias.

a) Mary Katherine tem uma irmã. A irmã gosta de ler livros sobre comida.

Utilize **que**.

b) Os Blackwood viviam numa casa. A casa estava cheia de objetos antigos.

Utilize **onde**.

c) Mary Katherine foi a uma biblioteca. Na biblioteca escolheu vários livros.

Utilize **onde**.

d) A narradora recorda uma manhã de Abril. Nessa manhã, o sol brilhava.

Utilize **em que**.

e) O tio Julian tinha papéis. O conteúdo dos papéis era importante para ele.

Utilize **cujo/cuja/cujos/cujas**.

9 - Escreva um texto de 120 a 150 palavras sobre o seguinte tema:

Até que ponto o ambiente em que vivemos influencia a nossa personalidade e a forma como nos relacionamos com os outros?

No texto, deve:

- Apresentar a tua opinião de forma clara.
- Desenvolver pelo menos dois argumentos.
- Dar um exemplo concreto, real ou imaginário.
- Utilizar conectores, como, no entanto, além disso, por conseguinte, embora ou por outro lado.
- Concluir com uma reflexão pessoal.